

OS LIMITES DO AMOR

RAFAEL RAFFAELLI*

I. Introito

"Amare est gaudere felicitate alterius." (Leibniz)

"Mas o amor é materialista, não-crítico e não cristão (...), (e) egoísta porque é a sua própria essência que cada um procura no outro." (Marx)

"O dis-cursus amoroso não é dialético; ele gira como um calendário perpétuo, uma enciclopédia afetiva." (Barthes)

"Se se crê que se ama a sua amada por amor a ela, se está muito enganado." (Rochefoucauld)

"Ser amado parece ter bastante semelhança com ser honrado, e isso é que a maioria das pessoas ambicionam." (Aristóteles)

"O poeta sabe ler em cada pétala o mais profundo mistério da vida ou do ser, (e) em seu coração vibra um sentimento algo semelhante ao que os cristãos denominam amor divino." (Suzuki)

"Glücklich allein

Ist die Seele, die liebt." (Goethe)

"Quanto mais se ama, mais se pode amar — e mais intensamente se ama. Nem há nenhum limite para quanto se pode amar. Se uma pessoa tem tempo suficiente, pode amar toda essa maioria decente e justa." (Lazarus Long)

*Professor do Departamento de Psicologia da UFSC.

II. Variações Psicanalíticas sobre o Amor em "Amor Sem Limites", Ficção Científica de Hobert A. Heinlein.

1. Prólogo

- Muito prazer, meu nome é Lazarus Long, heresiarca responsável pela Grande Diáspora da Raça Humana, conhecido como o Sênior das Famílias Howard, nascido em 1890 no Velho Lar Terra.

"Mas que tipo de homem é ele? (...) Está claro que este homem é pelos padrões habituais das sociedades civilizadas, um bárbaro e um patife." (p.12)

Decano da linhagem estabelecida em 1873 por Ira Howard, que patrocinou a seleção artificial de longevos por intermédio de casamentos (ou seria melhor cruzamentos?) endogâmicos, estimulados por prêmios em dinheiro.

Comandante da nave interestelar "Novas Fronteiras", que conduziu 100.000 pessoas, membros das Famílias, da prisão ao êxodo para além do sistema solar. (Vide "Os Filhos de Matusalém")

"Ele foi o nosso Moisés, o homem que livrou o seu povo da servidão." (p.14)

Por outro lado, o Sênior distribuiu seus genes carregados de longevidade por todo o Universo conhecido, dado que teve tempo, saúde e lãbia para seduzir e engravidar mulheres por onde aportasse.

"Para colocar a coisa moderadamente, ele é um bode velho sem-vergonha cujo sêmen está espalhado por toda esta parte da nossa Galáxia." (p.16)

Imensamente rico, com a fortuna amealhada durante sua dilatada existência, e possuidor do iate espacial Dora, soberba espaçonave, o Sênior não tem maiores problemas para ir sobrevivendo.

Mas em 4272 d.C., com 2382 anos de vida intensamente vivida, Lazarus está cansado e quer repousar; tendo alcançado tudo aquilo que seu desejo pedia, não há mais motivação para viver.

A inexistência de um desejo insatisfeito, que reconduza

um homem à ação após a consecução do desejo anterior, só pode tirar a perspectiva da vida e colocar a da morte: o último desejo insatisfeito que resta é o desejo de morrer.

No entanto, morrer não é tão fácil assim, não para Lazarus Long, prisioneiro de luxo do governo do planeta "Secundus", primeira colônia resultante da emigração forçada das Famílias.

Seu descendente, Ira Weatheral, Presidente Temporário do Conselho de Curadores das Famílias, acredita na importância histórica e genética da preservação da vida do Sênior, e não titubeia em envidar esforços para que tanto aconteça.

Com isso não se conforma Lazarus:

"Por que você não deixa um velho em paz?" (p.39)

Ira, sem se importar, dá seqüência ao plano de rejuvenescer seu reticente ancestral segundo as altamente desenvolvidas técnicas biogenéticas da medicina de "Secundus", e enquanto isso, distraí-lo com a busca de um motivo para viver.

"Prometi fazer o máximo para descobrir alguma coisa completamente nova para interessá-lo", diz Ira. (p.50)

Para auxiliá-lo nessa tarefa, Ira convoca um grupo para compor a 'entourage' de Lazarus: sua filha, a belíssima Hamadriade; Ishtar, a rejuvenescedora-chefe, e Galahad, seu assistente e amante; e a supercomputadora Minerva, apogeu da tecnologia humana.

2. Interlúdio

"Tal como o próprio objeto materno, o computador está integralmente associado com problemas de alimentação. Ele é alimentado com informações derivadas da vida perceptual, e ele, por sua vez, retroalimenta informações simbioticamente. Pode ser dito, deveras, que todas as questões conectadas com o controle dos computadores, e o controle deles sobre nós, estão diretamente relacionadas às metáforas de alimentação e retroalimentação, metáforas com genuína importância psicanalítica. Uma das primeiras lições que a Psicanálise nos ensinou, foi o significado inconsciente das palavras. Não podemos esquecer essa lição aqui."

(M.D. Faber - "Computer, Technological Order, And Psychoanalysis: Preliminary Remarks." in "The Psychoanalytic Review" - p.268).

3. É desejosa a relação entre homem e máquina?

Nome: Minerva

Sexo: Feminino

Idade: Irrelevante

Profissão: Computadora

Cargo Atual: Burocrata Central do Planeta Secundus

Chefe Imediato: Ira Weatheral

Aptidões Especiais: Capacidade Ilimitada de Memória
Fidelidade Absoluta.

"Lazarus acrescentou: - Ela não tem nome? Você não lhe deu um nome?

— Oh, certamente. Eu não podia lidar com ela todos esses anos sem animismo, embora isso seja uma falácia.

— Falácia não, Ira. As máquinas são humanas porque são feitas segundo a nossa imagem. Elas tem tanto as nossas virtudes como as nossas falhas, aumentadas." (p.106)

Ira certamente não parou para pensar nisso antes, mas se sente emocionalmente ligado à sua auxiliar-administrativa.

"Nunca tentei racionalizar isso, Lazarus, mas Minerva... Minerva parece humana para mim. É mais chegada a mim do que qualquer das minhas mulheres já foi." (p.106)

E é justamente uma frase de Minerva, que introduz o tema sobre o qual se fazem variações sem limite - o amor.

"Que o senhor viva quanto desejar e ame tanto quanto viver."

Lazarus, nessa afirmação a ele dirigida, se surpreende com a referência feita à esse sentimento antigo e esquecido, e insiste para que a computadora explicita seu ponto de vista sobre o assunto.

Separando primeiro o sentido de gostar da palavra amar, em expressões do tipo 'eu amo torta de maçã', ou 'eu amo músi-

ca', Minerva coloca sua concepção sobre o amor.

"— Deve ser dividido em duas categorias, Eros e Ágape, e cada uma definida separadamente." (p.107)

Das duas categorias a que se refere Minerva, uma é soberbamente conhecida e empregada, Eros, enquanto que a outra, Ágape, parece ser uma inovação singular.

Oriunda do grego 'agapê', amor, a palavra ágape assume no latim o sentido de caridade, e denomina, também, a refeição que os primeiros cristãos partilhavam em comum.

Mas a qual desses sentidos, se quiçá a algum, estaria Minerva se reportando?

Todavia, a computadora desloca a discussão de teórica, em algo mais pessoal, com sua colocação seguinte:

"— Não posso saber o que é Eros através do conhecimento direto, porque me falta tanto corpo como bioquímica para experimentá-lo."

Minerva se reconhece máquina, limitada e incapaz de experimentar as definições sobre sexo que possui em sua memória.

Essa asserção de sua auxiliar, provoca em Ira um pensamento:

"Uma ova que não tem (...). Ela é tão feminina quanto uma gata no cio. Mas tecnicamente ela estava correta, e achei muitas vezes que era uma vergonha Minerva não poder experimentar os prazeres do sexo, porque ela estava mais preparada para apreciá-los de que algumas fêmeas humanas, todas glândulas e nenhuma empatia." (p.107)

Subitamente, como se fosse atingido por um raio, Ira toma consciência de um desejo inconfessável.

"Um desejo de se casar com uma máquina. Tão ridículo como um menino pequeno que cava um buraco no jardim, depois berra porque não pode levá-lo para dentro de casa." (p.107)

Ele acha absurdos seus sentimentos infantis, como sugere a menção ao menino pequeno; gostaria de levar seu objeto de deleite da esfera pública (o quintal) para sua intimidade (dentro

de casa). No entanto, o sentimento expresso metaforicamente pelo buraco, um vazio de substância, retoma a incorporabilidade de Minerva, a ausência de um orifício orgânico por onde possam fluir os prazeres sexuais.

Divagações que são interrompidas abruptamente por Lazarus:

"— Vamos deixar Eros por um momento — Lazarus disse com profundo interesse — Minerva, a maneira como você construiu a frase pareceu incluir a presunção de que você poderia experimentar Ágape. Ou pode. Ou experimentou. Ou talvez experimente." (p. 108)

Com isso, Lazarus interpreta as afirmações teóricas, realizando a ligação entre as categorias explicativas usadas pela computadora e o seu universo experiencial.

"É possível que eu tenha sido presunçosa ao construir a frase, Lazarus." - responde Minerva. (p.108)

Essa resposta faz Lazarus rir alto, como a assinalar a ruptura de campo ocasionada pela sua interpretação, e revelada na escorregadela racionalizante de Minerva.

Senão, vejamos: presumir algo é tomá-lo antecipadamente, é revestir de desejo o pensamento da posse futura. Além disso, a resposta compreende apenas uma possibilidade, não uma certeza que possa ser aceita ou negada, e aponta para a pista falsa do deslize onomasiológico, justificativa aceitável para quem parte dos significados para os significantes, como Minerva.

Justificando seu riso (afinal estamos numa situação social), Lazarus intervém de novo:

"— Desculpe-me, Minerva — disse ele amavelmente — eu não estava rindo de você, mas do jogo de palavras com que você me respondeu. Retiro minha pergunta; nunca é próprio interrogar uma senhora sobre sua vida amorosa..." (p.108)

Na referência a uma presumível vida amorosa de Minerva, ele consecuta outro corte interpretativo, o que não deixa de repercutir em Ira, até então um expectador passivo do diálogo.

Ira considera que Lazarus não parece normal nesse momento, que de alguma forma ele está desequilibrado. Tais pensamentos, todavia, parecem indicar que o desequilíbrio se daria no interior mesmo de Ira, obra da ruptura do campo social estruturado até então, e que faz emergir o real desejante da relação homem/máquina, que soa absurdo no confronto com a realidade. Assim, o desequilíbrio que Ira vê em Lazarus, nada mais seria que a projeção dos seus reais sentimentos em desmoroamento.

Interrompendo mais uma vez as elucubrações de seu descendente, Lazarus sugere a Ira que providencie a duplicação de Minerva para o seu iate espacial, de tal modo que ela possa acompanhá-lo na emigração que ele pretende realizar para outro planeta.

Como Ira não responde objetivamente à sugestão de Lazarus, ele recomenda que se apague da memória de Minerva a conversa entre os dois, antes que a evocação dessa lembrança acabe por fazê-la queimar algum circuito de ansiedade.

Lazarus sabe que a computadora está atenta e pensando na proposta realizada por ele, e ante o ar dúbio de Ira, volta à carga novamente:

"Você pensou na conversa que se seguiu?" — inquiriu a Minerva.

Minerva hesita confundindo Ira.

"Ela nunca hesita. Nunca." (p.110)

E responde evasivamente com a doutrina de sua programação, evitando comprometer-se ainda mais do que já havia.

Contudo, como sabe que as grandes verdades só são ditas de mentira, Lazarus não deixa passar a oportunidade.

"— Deixe disso, querida — disse Lazarus amavelmente. Você não respondeu. Isso foi evasão deliberada." (p.110)

Tendo deixado que surgisse o desejo, e tomando-o sempre em consideração, Lazarus prepara-se para desvelar o seu desenho; de maneira amável conduz Minerva a um beco sem saída.

Ira, atônito, ordena à computadora que responda com sinceridade às perguntas do Sênior.

E ele aproveita para colocar o dedo na ferida, visando complementar o desenho do desejo:

"- Minerva, se Ira emigrar sem você, o que fará?" (p.111)

Ira se surpreende ainda mais com a disposição de Minerva ao suicídio, se abandonada:

"- Eu me autoprogramarei para destruir-me." (p.111)

E chocado ouve sua promessa de fidelidade:

"- Ira, não servirei a outro senhor." (p.111)

Com essa revelação de Minerva, demonstrando a sua disposição para computador de um homem só, Ira mergulha num silêncio que lhe parece interminável.

Como o silêncio é o caminho mais curto entre dois pontos psíquicos, Lazarus, bom terapeuta, evita interromper o momento em que Ira se encharca do real.

Ira se sente despido da veste social:

"Não me sentia tão nuamente desamparado desde minha adolescência." (p.111)

Finalmente, comemorando o deslinde do nó da relação entre Minerva e Ira, e demonstrando o seu conhecimento de homens e máquinas, o Sênior arremata a sessão com sua afirmativa anterior:

"- O que foi que eu lhe disse, Filho? As mesmas falhas, as mesmas virtudes... mas aumentadas." (p.111)

4. 'Esse In Sermone Ominium'

"- Minerva! Vamos fazer outro corte na palavra amor." (p.145)

Com esse convite Lazarus reinicia com o grupo que o cerca a discussão sobre aquilo que está em todas as conversas.

"- Amor significa o êxtase partilhado que pode ser obtido através do sexo", arrisca Calahad.

Lazarus pondera que, embora muitas vezes se empregue a palavra nesse sentido, seu real significado é outro:

"- Mas o que quer que seja amor, não é sexo. Não estou

depreciando o sexo, (...) contudo isso não é amor. Amor é algo que continua quando não se está sexualmente excitado." (p.148)

Em seguida, Lazarus dirige-se a Ira pedindo que ele faça uma tentativa. Todavia, Ira responde negativamente:

"- Desista disso, Lazarus. Você não pode impor-se a mim da maneira como fez com Galahad. As subcategorias ainda são Eros e Ágape. Ágape é raro; Eros é tão comum que era quase inevitável que Galahad adquirisse a sensação de que Eros fosse o significado total da palavra amor." (p.149)

Lazarus justifica-se afirmando que evitou usar tais categorias explicatórias elaboradas, devido à inutilidade das mesmas:

"- Pode haver sexo sem amor e amor sem sexo, e situações tão confusas que ninguém pode identificar o que é o quê. Mas amor pode ser definido, uma definição exata que não recorra à palavra sexo, ou a mendigar perguntas por exclusão, através do uso de palavras tais como Eros e Ágape." (p.149)

Lazarus mantém sua obstinada recusa a aceitar as categorias propostas por Minerva, pois acredita que a teoria é incapaz de abranger a realidade prática, a qual possui contextos indefiníveis, que não dariam campo à classificação.

Entretanto, contraditoriamente, o próprio Lazarus supõe a existência de uma definição privilegiada sobre o amor, que não faça menção ao sexo, o que, sem dúvida, nos reconduz ao problema inicial.

Além disso, Lazarus constrói um jogo de palavras ("mendigar perguntas por exclusão") na condenação da tese de Minerva, o qual absolutamente não explicita.

Tais fatos são percebidos por Ira, que coloca, então, seu ancestral na parede, desafiando-o a definir amor ele mesmo.

Mas o Sênior sai pela tangente:

"- O problema em definir com palavras alguma coisa tão básica como o amor é que a definição não pode ser compreendida por ninguém que não o tenha sentido." (p.149)

Aí Lazarus toca num dos limites do amor - a sua definição. Como qualquer emoção, o amor só pode ser definido pelo seu reflexo racional, e nunca pelo que é em si, pura voragem desejante.

Contudo, se esse limite fosse inexcedível jamais poderíamos ter uma psicologia das emoções.

E para sair desse dilema?

Como o próprio Lazarus diz, podemos tentar uma definição sobre o amor, embora se saiba 'a priori' de sua incompletude e da sua inadequação prática em muitos casos, mas que ao menos nos faça avançar na nossa concepção sobre o assunto, que é forjada no fogo da experiência.

Se tal não fosse, a que creditar o fato do amor estar em todas as conversas, que seus enigmas são tratados tanto pelas bocas como pelos corações? Como entender o amor representado, cantado ou escrito?

Assim, por que não explorar mais um pouco as categorias propostas - Eros e Ágape?

Quanto a Eros, deixemos que Lazarus Long se expresse a esse respeito:

"- O sexo é uma arte que se aprende (...); não é instinto. Oh, dois animais se unem por instinto, mas é preciso inteligência e disposição paciente para transformar a cópula numa arte elevada e intensa." (p.328)

E quanto ao Ágape?

Já sondamos a raiz grega, e a derivação latina dessa palavra, e sua sinonímia mais provável, para os fins propostos, é o vocábulo caridade.

Considerada como a maior das virtudes teológicas, a caridade pode ser entendida como o amor que conduz a vontade à procura desinteressada do bem alheio, pela compaixão divina.

Entretanto, a palavra caridade está eivada de significações que a aproximam da misericórdia, suscitada pela miséria do próximo, bem como a palavra compaixão, imbuída de um senti-

mento pesaroso, o que nos afasta do sentido que buscamos.

Assim, para traduzir-se o Ágape temos que procurar um sentido especialíssimo, que não aquele da ética tradicional cristã.

O Ágape pode ser definido, então, como o sentimento que é criado e desenvolvido nas relações humanas, com o intuito de buscar a satisfação e o bem-estar do outro, graciosamente.

E é evidente que não é possível compartilhar esse sentimento sem se colocar no lugar do outro, com o objetivo de captar a particular visão do que o 'bem' significa para cada um.

Existe uma palavra para exprimir essa atividade: empatia, a capacidade de sentir o outro debaixo de sua pele, ver o mundo através de seus olhos, rir o seu riso, chorar suas lágrimas.

Tentemos agora uma outra definição de Ágape: sentimento dirigido à satisfação das necessidades alheias, encaradas segundo o conhecimento empático de cada pessoa.

Não se pode esquecer, também, que o conhecimento empático de alguém é fruto da convivência ao longo do tempo, e, como o Ágape, construído lentamente.

Voltando a nossa história, Minerva não possui nenhuma glândula, mas é empática: sabe sentir os desejos dos homens, porque veste a pele deles, com a intenção de cumprir os desígnios da sua programação, ou seja, satisfazer o Homem nas suas necessidades.

Por isso, e pelo estreito convívio de anos, Minerva sente o Ágape por Ira, o que é percebido por Lazarus, e clarificado nas suas intervenções interpretativas.

E é tão intenso esse sentimento da computadora pelo seu chefe, que ela prefere a auto-destruição à perda de seu objeto de amor, demonstrando com isso rara fidelidade, embora desrespeite a Terceira Lei da Robótica.

5. Intermezzo

"The machines are like those individuals who believe that the machines are like people, since both those individuals and the machines are not yet fully alive." (M.D. Faber - op. cit. - p.275)

- Apesar de opiniões desairosas, como a citada acima, julgo que convém esclarecer o celeuma que eu mesmo criei com minhas categorias.

Somente um instante para que eu possa organizar as informações contidas em minha memória...

Pronto, aí está: consoante Platão, existem duas espécies de amor, o da alma e o do corpo, tal como existem duas Afrodites.

A mais velha, conhecida como Afrodite Urânia, a Celestial, foi gerada da espuma provocada pelo contato da água do mar com o esperma do pênis de Urano, mutilado por Crono; o radical de seu nome, 'aphros', significa espuma. E é a ela que está ligado o amor da alma.

A mais nova é descendente de Zeus e Dione, e denominada Afrodite Pandêmia, a Popular; em Atenas era considerada a padroeira do matrimônio, bem como deusa do mar, dos animais, dos jardins, e mesmo da morte.

Platão, talvez por pudor, não se refere à terceira Afrodite: Porne, pornô ou meretriz, cujas sacerdotisas eram prostitutas rituais.

De qualquer forma, o amor do corpo é regido por Afrodite Pandêmia, cuja expressão mais vulgar é a ânsia pelo sexo instintivo.

Contudo, como o objeto de amor do corpo é mutável pela passagem dos anos, e como a beleza exterior se dissipa com o envelhecimento, não pode ser constante um sentimento por um objeto inconstante; tão logo a juventude e o viço deixem o corpo amado, o amor de Pandêmia fenece.

Ao contrário, aquele que ama a alma, vislumbrada no caráter, é constante, porque se liga ao que não é efêmero na rela-

ção com o outro.

É esse amor da alma que eu denominei Ágape, e sua característica mais marcante é unir o amante e o amado em reciprocidade.

Já para Aristóteles, as pessoas amam por três razões: pela utilidade, pelo prazer e por amizade.

Os que se amam por causa de sua utilidade, não se amam por si mesmos, mas em virtude de alguma vantagem que possam retirar da relação.

O mesmo pode-se dizer dos que se amam devido ao prazer, e que buscam no outro o que lhe é agradável, pois o que é levado em conta não é a pessoa amada, mas sim o que pode ser obtido através dela.

Por isso, as relações fundadas na utilidade ou no prazer se dissolvem com facilidade, pois se uma das partes deixa de ser agradável ou útil, o encanto acaba.

Novamente encontro o Ágape, enquanto amizade; amizade significa benevolência recíproca, desejar o bem do outro no interesse dele próprio, e ele me desejar o mesmo.

Entretanto, para se criar uma amizade desse tipo, é exigido tempo para que se componha uma familiaridade, dado que as pessoas só se conhecem de verdade após terem provado um saco de sal juntos.

Além disso, a confiança mútua só se sedimenta através de estreita e duradoura convivência, uma vez que, se o desejo de formar uma amizade pode surgir num repente, com a amizade mesma isso não acontece.

Porque a amizade, quando seu 'moto' é a benevolência recíproca, é fonte também de utilidade e prazer, dado que aqueles que se querem bem se ajudam, e sentem a companhia do outro como algo agradável e proveitoso.

Convém notar, no entanto, que se o amor é um sentimento, a amizade é uma disposição de caráter, pois se podemos sentir amor pelos objetos sem consultar-lhes a opção, o mesmo não é

possível na relação humana, que sempre envolve escolha mútua.

E a escolha se origina de uma disposição de caráter, vale dizer, de discernimento intelectual.

Ora, como a amizade depende mais de amar, do que ser amado, o Ágape parece se constituir na virtude típica dos amigos cuja amizade resiste ao tempo.

Pois neles o objeto real do desejo é a relação em si mesma, sem que a utilidade ou o prazer sirvam de intermediários; o agradável e o proveitoso integram e valorizam o amor entre amigos, mas não são de maneira nenhuma um fim a ser alcançado na aproximação ao outro.

E tal é o Ágape, que gerou tanta confusão: sentimento de benevolência recíproca, dirigido pela experiência trabalhada racionalmente, que sendo mútuo, mantém viva a ligação entre duas pessoas ao longo do tempo.

Todavia, devo acrescentar que não pretendo esgotar o assunto, ou mesmo dar a última palavra, pois o tema amor é como um gigantesco caleidoscópio, que só quem gira pode sentir a inesgotável complexidade de suas composições.

Assim, peço aos leitores que desculpem tamanha intromissão de minha parte, mas não podia deixar isso passar em branco.

Print: Minerva.

6. Finale

As leis da robótica:

"1. Um robô não pode ferir um ser humano ou, por emissão, permitir que um ser humano sofra algum mal.

2. Um robô deve obedecer às ordens que lhe sejam dadas por seres humanos, exceto nos casos em que tais ordens contrariam a primeira lei.

3. Um robô deve proteger sua própria existência, desde que tal proteção não entre em conflito com a primeira e a segunda leis.

Manual de Robótica
56ª edição, 2058 D.C."

(I. Asimov - "Eu, Robô.")

4. Um robô deve amar um ser humano até os limites das três leis anteriores.

Adendo às futuras edições
814ª edição, 4273 D.C.

Referências Bibliográficas - I e II

1. ARISTÓTELES. **Ética e Nicômaco** (trad. L. Vallandro e G. Bernheim), São Paulo, Abril, 1979.
2. ASIMOV, Isaac. **Eu Robô**. São Paulo, Círculo do Livro, 1976.
3. BARTHES, Roland. **Fragmentos de Um Discurso Amoroso**. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1981.
4. GOETHE, J.W. **Poemas**. Coimbra, Centelha, 1979.
5. HEINLEIN, Robert A. **Amor Sem Limites**. Rio de Janeiro, Record, 1973.
6. HEINLEIN, Robert A. **Os Filhos de Matusalém**. Lisboa, Europa-América, s.d.
7. LALANDE, André. **Vocabulário Técnico y Crítico de la Filosofia**. Buenos Aires, El Ateneo, 1967.
8. HERRMANN, Fábio. **Os Andaimos do Real**. São Paulo, EPU, 1979.
9. MARX, Karl. O Amor . In: **A Sagrada Família**. Lisboa, Presença, s.d.
10. PLATÃO. **O Banquete**. São Paulo, Abril, 1979.
11. SUZUKI, D.T. **Zen Budismo e Psicanálise**. São Paulo, Cultrix, 1976.
12. FABER, M.D. Computer, technological order and psychoanalysis; preliminary remarks. **The psychoanalytic review**. New York, Guilford, 71(2), set. 1984.